

UMA PONTE ENTRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O CATOLICISMO: ENTREVISTA COM A PROFESSORA DOUTORA NÁDIA MARIA GUARIZA



DOI: 10.5935/2177-6644.20200008

Ingrid Taylana Machado *

Nádía Maria Guariza possui licenciatura (1994), mestrado (2003) e doutorado (2009) em História, todos realizados pela Universidade Federal do Paraná. Até o presente momento no caminhar destes escritos, Dra. Nádía Maria Guariza é professora e vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) Campus Irati, bem como é professora do Departamento de História da mesma instituição de ensino superior.

Sua experiência acadêmica está vinculada a área de História e Educação, desenvolvendo pesquisas relacionadas as temáticas de: História, relações de gênero, catolicismo, educação e culto mariano. É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná, e atuou como docente em diferentes instituições de ensino no Estado do Paraná, tanto na educação básica como no ensino superior.

No cenário atual brasileiro, vivenciamos o isolamento social, acarretado pela pandemia gerada pelo Covid-19, que eclodiu em meados do início do primeiro semestre de 2020, dando aval para a quarenta em muitos setores do Brasil, impossibilitou muitas atividades, tanto acadêmicas como profissionais, para que ocorra a proteção e a defesa da vida.

* Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO, *Campus Irati*. E-mail: ingridtaylana@hotmail.com

Com o avanço da tecnologia, nos apoiamos nos meios de comunicação para que pudéssemos nos adequar e utilizar esta tipologia de fonte, visto que não poderia ser presencial. Para o desenvolvimento desta entrevista e validação do produto final, as mídias sociais exerceram um papel fundamental para a realização deste trabalho, nos dando aporte metodológico para que entrássemos em contato com os registros orais de nossa entrevistada.

Logo, a entrevista realizada com a professora doutora Nádia Guariza, ocorreu no primeiro semestre de 2020, foi efetuada por meio de plataforma digital, um viés facilitador para que conseguíssemos alçar a narrativa, visto a impossibilidade de efetuar presencialmente a interlocução das perguntas, por conta do isolamento social. No decorrer da entrevista, questionamos a trajetória da entrevistada, sua formação acadêmica, as suas produções ao longo dos anos e a linha de pesquisa seguida. Atentando para os estudos relacionados a história oral, relações de gênero e catolicismo, destacamos a sua produção de dissertação de mestrado intitulada *As guardiãs do lar: a valorização materna no discurso ultramontano*, e a tese de doutorado *Incorporação e (re) criação nas margens: trajetórias femininas no catolicismo nas décadas de 1960 e 1970*. Bem como, procuramos enfatizar o trabalho da docente na instituição com as suas orientações e o panorama da universidade, dentro da perspectiva em que está a problemática dos seus estudos.

Entrevista

1- Entrevistadora: A professora poderia falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional ao longo dos anos?

Dra. Nádia Maria Guariza: Há mais de 20 anos eu pesquiso catolicismo e gênero. E esse interesse começou na graduação de História na década de 1990. Em 1992, fui selecionada para compor o grupo financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o PET (Programa Especial de Treinamento) de História, cujo tema era imaginário medieval. A partir desta temática discutimos durante três anos medievalistas e teóricos sobre o imaginário social. Contudo, anteriormente ao ingresso no grupo PET me interessava pela questão das mulheres no período medieval, sendo assim, os estudos e as discussões no PET me permitiram aprofundar os conhecimentos sobre gênero e catolicismo. Para concluir as atividades do grupo e a graduação pesquisei sobre gênero na Alta Idade Média.

A partir deste recorte temático comecei a procurar possibilidades de orientações no departamento de História da UFPR (Universidade Federal do Paraná) e me deparei justamente

com a produção da professora Ana Paula Vosne Martins¹ que tinha acabado de ingressar no departamento. Ao ler a sua monografia de especialização e a sua dissertação de mestrado tomei conhecimento sobre a categoria gênero. Até então estava lendo mais sobre História das Mulheres na Idade Média, como Georges Duby (1992/1994/1995), que a categoria gênero me foi uma grata surpresa apresentada pela leitura das produções de Ana Paula Vosne Martins.

Portanto, foi com a junção entre os meus estudos sobre medievo e a orientação de Ana Paula Vosne Martins que analisei na monografia de conclusão de curso prédicas de Santo Agostinho com um público bem específico que eram as virgens no cristianismo nascente, intitulado *Santo Agostinho e as Virgens: estudo das relações de gênero cristianismo nascente*. Neste trabalho analiso o debate dos primeiros padres da Igreja em torno da questão da sexualidade, como São Jerônimo, Tertuliano entre outros. Contudo, destaco a importância de Santo Agostinho que criou uma interpretação distinta sobre a renúncia sexual.

É interessante mencionar que o conceito de virgindade neste período não é necessariamente o entendimento que se tem hoje de mulheres que não efetivaram relações sexuais, mas poderia ser o caso, por exemplo, de mulheres casadas que em algum momento fizeram votos de abstinência e a partir daquele momento elas se tornavam virgens. E têm muitos trabalhos bem interessantes falando do papel importante dessas mulheres nesse cristianismo nascente, como do Joyce Salisbury (1991), que analisou como as virgens independentes possuíram um papel de liderança nas comunidades cristãs dos primeiros séculos, justamente pela questão da abstinência e da renúncia sexual.

Como Peter Brown (1990) analisou com profundidade em sua obra o posicionamento de São Jerônimo que advogava que as virgens realmente eram especiais por terem optado por uma vida casta. Elas seriam mais especiais do que as outras mulheres e até de alguns homens que não conseguiam renunciar ao sexo. Por outro lado, o autor, afirma que na visão Santo Agostinho estas mulheres na verdade não poderiam se vangloriar, porque se estas mulheres são capazes de renunciar à sexualidade, não é algo que é da sua capacidade, de seu mérito, mas é algo que foi predestinado por Deus antes do seu nascimento. Nesse sentido, nessa época Agostinho vai reforçar a hierarquia entre os gêneros, colocando a mulher ainda como um segundo sexo que deveria ser subordinada a uma tutela masculina, seja de um marido, de um pai ou de um diretor espiritual. Portanto, essa tradição inaugurada pelo Santo Agostinho influenciou o entendimento da vida religiosa feminina no período medieval, a compreensão em relação à questão do casamento e das relações hierárquicas entre os gêneros.

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (1987), mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná (1992) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Foi fundadora (1994) e coordenou o Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR até 2015. Atualmente faz parte do corpo docente da Universidade Federal do Paraná.

Posteriormente dei continuidade aos meus estudos, e concomitantemente comecei a lecionar na educação básica, tanto na rede particular quanto na pública, cursei uma especialização em Ensino de História na Universidade Federal do Paraná. Nesta especialização sobre *Linguagens, imagem e ensino de história* produzi a monografia intitulada *Da Dama Casadoira à Histórica* (1999) propondo um material didático com literatura, história e gênero no século XIX, desenvolvendo uma análise comparativa entre o romantismo e o naturalismo. O romantismo, eu selecionei entre as obras de José de Alencar, *Senhora* (1959), analisando a heroína romântica. Por isso a casadoira, aquela que estava esperando com o dote o casamento. Analisando o papel que essa heroína romântica desempenhou nos romances urbanos de Alencar, que é justamente fazer uma contraposição à corrupção dos valores morais da sociedade capitalista. Procurando no passado e nos valores tradicionais a restauração moral. No naturalismo analisei *A Casa de Pensão* de Aluísio de Azevedo (2002) que tinha uma ótica médica para entender e criar os personagens. Então eu analisei as personagens femininas e masculinas que habitavam nessa casa de pensão narrada no livro do Azevedo. Geralmente estes romances naturalistas procuravam descrever uma sociedade patológica, por conseguinte da degeneração humana e moral também. O livro muitas vezes mostrava como esses indivíduos estavam fora de um padrão saudável de comportamento.

Para o projeto de mestrado continuei a discutir essa questão do catolicismo e nas relações de gênero em outros períodos históricos, optei por um recorte a partir do século XIX. Então analisei o marianismo no Brasil da metade do século XIX até 1944. E no doutorado eu fiz o mesmo recorte temático em um tempo diferente nas décadas de 1960 a 1970.

2 - *Entrevistadora*: Você poderia comentar um pouco sobre os resultados de sua pesquisa “As guardiãs do lar: a valorização materna no discurso ultramontano”?

Dra. Nádia Maria Guariza: *As Guardiãs do lar: a Valorização Materna no Discurso Ultramontano* foi o resultado de minha pesquisa de mestrado, a minha dissertação que eu defendi 2003, e como eu tinha mencionado, eu já há algum tempo estudava gênero e mais especificamente no catolicismo. Comecei pesquisando com o Santo Agostinho e dei continuidade na dissertação analisando a representação materna e mais especificamente a de Nossa Senhora.

Essa dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, trabalho com a discussão sobre o movimento ultramontano e a valorização da figura materna. Pensando em meados do século XIX em um contexto em que a Igreja vai adotar principalmente nas encíclicas papais, portanto, é uma política institucional centrada na figura do papa que irradia

a partir do Vaticano para as igrejas nacionais suas diretrizes. Apesar das minhas fontes principais serem livros de um padre belga aqui no Brasil e também de uma Associação de Mães Cristãs em Curitiba, eu tive que primeiramente, fazer uma discussão sobre o posicionamento da Igreja no século XIX, para entender como a figura da mãe se torna importante para a Igreja Católica e no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Por isso esse primeiro capítulo vai abordar justamente esse contexto, no qual a Igreja se sente ameaçada num contexto em que há uma progressiva racionalização e laicização da sociedade, em uma separação, por exemplo, do Estado e da Igreja. A proliferação de outras denominações religiosas protestantes, do Espiritismo, e da Maçonaria e das ideias liberais e socialistas, então são várias ameaças. Na ótica do discurso papal do período vários eram os inimigos a Igreja naquele momento e, por isso vão adotar uma série de estratégias no combate a seus inimigos.

No primeiro momento, pensando na formação do seu exército de religiosos tanto padres quanto de freiras para realmente ter uma legião de agentes nesse combate, quanto também na formação de uma rede laica de apoio. E aqui que vai ser digamos o desdobramento de uma segunda estratégia após a formação do exército religioso. Nesse contexto tem vários estudiosos e estudiosas que vão demonstrar a importância da figura feminina nesse processo. A Michelle George que trabalha com contexto italiano, vai mostrar como a figura da mãe converge muito com o discurso da teoria da domesticidade, da separação dos papéis entre o masculino e feminino, e o papel do homem ao provedor do lar e o da mulher que era o sustentáculo moral do lar e educadora das crianças. Na verdade, essa teoria da domesticidade não estava limitada ao discurso católico e encontramos isso no discurso jurídico, no médico ou no pedagógico, que é justamente a construção da compartimentação dos papéis de pai, mãe e filhos. A questão da infância, a importância da criação das crianças, então a mulher e a mãe vão assumir um papel muito importante e de responsabilidade na formação dos cidadãos das nações e que estão em construção no século XIX. Portanto, a Igreja de certa forma também vai ressoar esse discurso da teoria da domesticidade, mas compreendendo que essa mãe deve educar não só um cidadão, mas deve educar os futuros católicos para defender as causas da Igreja na sociedade que está nesse processo de laicização. Por isso, a figura materna se torna muito importante. Claro que o culto a Nossa Senhora é anterior a isso, mas se criou um ressignificado a essa representação nesse contexto do ultramontanismo.

No segundo capítulo, “Da defesa do culto mariano a leitura devocional”, eu analisei um conjunto de livros escritos pelo Padre Júlio Maria De Lombardi, que nasceu em 1878 e faleceu 1944, um padre belga que veio ao Brasil ficou alguns anos na Amazônia e depois

mudou-se para Manhumirim uma cidade no leste de Minas Gerais. Manhumirim é uma cidade na qual ele fundou um seminário para formação de padres, um convento, um hospital e jornal intitulado *O Lutador!*, que depois deu origem a uma editora com o mesmo nome, que a princípio funcionava em Manhumirim. Quando fui até lá em 2002, obtive a oportunidade de conhecer primeiro os livros manuscritos dele, ele escreveu mais de 80 obras de vários temas, desde críticas ao protestantismo, ao espiritismo, a ciência, quanto aos livros que eu analisei que eram justamente aqueles que tratavam de Nossa Senhora, mais especificamente tinham interesse na Nossa Senhora ligada ao sacramento da Eucaristia. E ele vai ser muito combativo nas primeiras décadas do século 20, ele veio ao Brasil 1904, e chegou em Minas Gerais em 1928. Vivendo em Manhumirim até 1944 falecendo de um acidente de automóvel. Ele teve muita atuação na cidade de Manhumirim até nas cidades vizinhas como Manhuaçu, que na época tinha uma grande influência dos Batistas, por isso muitas obras atacavam o protestantismo. A Loja Maçônica também na cidade de Manhumirim tinha uma grande atuação, muitos vereadores da cidade frequentavam a loja maçônica.

Nesse contexto vai atuar como pároco e também como escritor, atacando os inimigos e defendendo a Igreja Católica na região. Seus livros obtiveram grandes tiragens que não foram publicadas só pela editora dele, mas também pela Vozes e pela ABC. Neste sentido, o capítulo discute a questão da literatura e da leitura religiosa usando como aporte teórico Roger Chartier (1988/1991), desdobrando a análise sobre as representações de Nossa Senhora nas obras do padre Júlio Maria De Lombaerde (1932/1936/1937/1938/1941/1943/1960). Eu dividi as obras dele em duas categorias: uma leitura mais teológica e outra devocional. Mesmo assim quando ele escrevia de uma forma mais teológica, tentava aproximar-se de um público mais amplo, usando alguns exemplos mais cotidianos para que tornasse os dogmas e a teologia mais próxima do leitor. Quanto a uma leitura mais devocional que é o caso de um livro que ele trata da Sagrada Família, no qual é possível analisar as relações de gênero na figura de Maria, José e Jesus.

No capítulo três intitulado “Organizando as senhoras piedosas”, eu analisei uma associação de mulheres leigas ligadas ao Colégio de Nossa Senhora de Sion em Curitiba. Essa associação a Arquiconfraria das Mães Cristãs foi criada pelas irmãs de Sion em Curitiba, começou com as mães das estudantes do colégio. Contudo, antes de analisar os trabalhos da associação e o manual, eu apresento o fundador da Arquiconfraria, o padre Theodoro Ratisbonna (1925) que fundou a associação na metade do século XIX na França. Em 1856 a Arquiconfraria em Lille e, depois em Paris. Em Paris ele se tornou o primeiro padre diretor e escreveu o manual das Mães Cristãs. Nesse manual encontramos vários modelos de mães

cristãs, não apenas Nossa Senhora. Portanto, o manual apresentou a oportunidade de fazer uma análise das representações que estavam expressas nesse manual, pensando que é um contexto ainda do século XIX. Esse manual inclusive eu consegui uma cópia dele, de uma das filhas de uma das Mães Cristãs, então um manual que foi usado bem no início da associação lá nas primeiras décadas do século XX, e tem a aprovação do Papa Pio IX e uma série de normativas da Igreja, compreendendo que é um período diferente do Padre Júlio Maria. Quando Ratisbona escreveu, então a compreensão da Sagrada Família era diferenciada do que a do padre Júlio. A do padre Júlio tentava aproximar mais a figura de José a do trabalhador, porque foi após o Papa Leão XIII proclamar José como um trabalhador, tentando naquele contexto criar um contraponto as ideias socialistas.

Enquanto o manual do Ratisbona foi escrito antes disso e compreendia ainda José e Jesus como parte de uma família real. A partir disso discuti as representações maternas e o ultramontanismo, ressaltando a questão da valorização da mãe. Depois eu comecei a analisar a própria Arquiconfraria de Curitiba, analisando as atas de 1910 até 1944 que é um recorte dessa pesquisa. Faço uma análise até a década de 1940, e é interessante perceber como a Arquiconfraria foi crescendo nesse período, começando como realmente um lugar de encontro das mães das estudantes de Colégio de Sion e depois fazendo reuniões no centro da cidade de Curitiba, junto com outras associações católicas de maneira bem militante, chegando em alguns momentos a própria Arquiconfraria contar com trezentas associadas.

A partir das atas percebi que tipo de trabalho essas mulheres realizavam, tinha é claro o momento da abertura da reunião com a fala do diretor espiritual, que era um padre, seguida da parte da menção ao montante de arrecadação que essas mulheres conseguiam durante aquele mês para favorecer os pobres e os idosos. Então uma vez por mês havia essas reuniões que hoje em dia é a primeira segunda feira do mês, mas durante sua história isso teve as suas variações.

3 - Entrevistadora: a partir da sua afinidade com a temática de gênero e do catolicismo, no doutorado você desenvolveu a *pesquisa Incorporação e (re) criação nas margens: trajetórias femininas no catolicismo nas décadas de 1960 e 1970*, como chegou até essa temática, qual a sua afinidade e resultados posteriormente?

Dra. Nádia Maria Guariza: O trabalho *Incorporação e (re) criação nas margens: trajetórias femininas no catolicismo nas décadas de 1960 e 1970* foi a minha tese de doutorado defendida em 2009 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Nesse trabalho dei prosseguimento à análise da participação das mulheres leigas na

Igreja Católica.

Utilizando um recorte diferente eu comecei a estudar na Arqueconfraria das Mães Cristãs na minha dissertação com um recorte de 1910 a 1944, no recorte da tese eu analiso de 1960 à 1970. Continuei uma discussão sobre a questão das representações e do papel das mulheres na Igreja Católica nesse período. A tese possui cinco capítulos. No primeiro capítulo intitulado “O movimento leigo no discurso oficial da Igreja Católica no século XX”, mostro justamente que a segunda estratégia da Igreja foi arregimentar um braço leigo na luta contra os inimigos da Igreja Católica no contexto da Igreja ultramontana. E como isso foi mais incisivo, a partir do século XX nas primeiras décadas, só que há uma modificação desse processo, mundialmente falando porque na década de 1960 aconteceu o Concílio Vaticano II, a Igreja vai mudar a sua postura, que até então era de combater os inimigos, tornando-se mais democrática, ecumênica, tentando diminuir a relação de poder, entre os religiosos e os leigos. E como o meu objeto é justamente a participação das mulheres leigas, eu trabalho uma série de documentos desde encíclicas papais até os do começo do concílio e das Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), que vão tratar dessa questão em particular da participação dos leigos na Igreja. Portanto, é um novo catolicismo que é construído na década 1960.

No capítulo 2 intitulado “Entre representações sagradas e profanas: a literatura moralista”, nesse contexto que aconteceu as renovações na Igreja, nós vamos encontrar aqueles que vão aprofundar essa renovação desembocando, por exemplo, numa Teologia da Libertação e aqueles que não, que iram resistir a essa renovação, que são os autores que analiso no capítulo 2. É o caso do Gustavo Corção (1976). Corção não era um religioso, era um engenheiro que participava ativamente do Centro Dom Vital. O Centro Dom Vital foi criado na década de 1920, pelo cardeal Dom Leme e que teve no seu quadro uma grande figura militante e intelectual, Alceu Amoroso Lima. Enquanto Alceu Amoroso Lima esteve ligado a Ação Católica e a um revisionismo da própria postura da Igreja no mundo, influenciado pelos padres belgas que tinha aquela perspectiva de ver a realidade, analisar a realidade e agir sobre a realidade do catolicismo. Esta forma de agir da Ação Católica era contrária a da praticada até então pela Igreja, em que o padre era uma autoridade temida e imposta sobre a comunidade. Então vou estar aberto a comunidade aí então agirei. Inclusive se fala muito que o Concílio Vaticano II, foi organizado justamente a partir dessa demanda dentro do movimento leigo ligada à Igreja Católica e as alas do catolicismo que questionaram a maneira de atuação do catolicismo ultramontano e da neocristandade que era mais pautada na moralidade do que em outros aspectos da realidade. Sendo assim, Corção é um dos autores que analiso alguns livros, ele vai criar um grupo depois do Concílio Vaticano II, que é o

“Permanência” justamente mostrando a posição dele diante da renovação da Igreja na década de 1960, que não deveria ser aceita, ele não queria mudança, ele queria permanecer naquele catolicismo moralista, baseado na catequese, e na hierarquia do clero entre os fiéis.

A análise feita das obras de Corção, nos permitiram perceber de que forma estava a representação feminina. As representações eram muito ainda baseadas naquela ideia realmente da dona de casa, da educadora moral e da mãe. Era essa a representação permanente que ele desejava para a sociedade que a gente percebe nas próprias representações femininas nos seus livros. E outro autor que eu analiso os livros é o Emir Calluf (196[?]/197[?]) é interessante o porquê surgem os livros desse padre, ele foi um dos padres diretores da Arquiconfraria das Mães Cristãs que eu analiso no quarto capítulo da tese. O que acho interessante, que eu conheci o padre Emir Calluf, quando eu era pequena, porque ele tinha um quadro na TV local em Curitiba de aconselhamento, ele era psicólogo e na década 1970, ele abriu mão do sacerdócio e se dedicou apenas à área da psicologia. Casou-se teve filhos inclusive.

Então a minha recordação de Calluf era justamente desses programas que possuí a oportunidade de assistir quando pequena e quando ele era padre ele escrevia muito para o público juvenil. Então eu obtive contato com alguns livros, que falavam de produtos da indústria cultural, como cinema, música e como esses produtos trazem uma mudança de comportamento entre os jovens. É claro que ele fez uma crítica a essa mudança de comportamento para os jovens, isso no final da década de 1960. Logo, é por isso que eu trabalhei com a ideia de um modelo e de um contra modelo, porque ele vai mostrar as estrelas do cinema como contra modelos de comportamento para os jovens católicos.

No capítulo 3, dedico a análise daqueles que vão ser partidários e aprofundar essa renovação da Igreja com a Teologia da Libertação. Lembrando que a Teologia da Libertação não é uma exclusividade do catolicismo. Nós vamos encontrar também no protestantismo, inclusive a filosofia da libertação que tem uma ligação com a Teologia da Libertação. Portanto, a Teologia da Libertação foi muito forte aqui na América Latina, por causa da Conferência de Medellín (1968). Depois o Papa João Paulo II recriou a Teologia da Libertação, mas aqui no caso vou focar justamente na figura do Leonardo Boff (1978/1979/1980), que na época dirigia uma revista *Concilium* da Editora Vozes. E ele vai escrever vários livros ligados à Teologia da Libertação, eu analiso os livros que são dedicados em grande parcela a essa representação do que é a Nossa Senhora, e a conclusão que eu acabo chegando é que ele tenta estabelecer esse diálogo com a psicologia analítica, mas comparando com a encíclica do Papa Paulo VI, do período percebe que ele não vai muito além do próprio

entendimento que a Igreja Católica do período possuía sobre a representação de Maria.

E outra questão interessante, que os estudiosos têm em relação à Teologia da Libertação e que a Teologia Libertação ela é muito cristológica, que é muito ancorada na representação de Cristo Jesus, do Jesus histórico como o revolucionário e muitas vezes há uma tendência da Teologia da Libertação em minimizar a importância de Nossa Senhora, por causa de uma mariologia tradicional no catolicismo.

No capítulo 4, “Catolicismo na salvação: As associações femininas construindo práticas e subjetividades”, foi analisado duas associações de Curitiba a Arquiconfraria das Mães Cristãs e as Oficinas de Caridade Santa Rita. Em relação a Arquiconfraria retomo algumas discussões sobre o manual e também sobre as atas do período a idade de 1960 e 1970 é um período bem importante para Arquiconfraria, pois na década de 1970 que elas vão construir, o recanto Santa Fé que é um pensionato para idosas. Obtive a oportunidade de entrevistar duas mulheres que foram presidentes daquela Arquiconfraria nesse período e inclusive uma delas foi a presidente durante a construção do Recanto. Ela esteve à frente da aquisição do terreno e da construção do Recanto. Nos últimos capítulos da tese as fontes orais foram muito importantes, optei pela entrevista temática, focando justamente essa questão das funções e das atividades desenvolvidas na associação e na compreensão que essas mulheres tinham sobre a questão da moralidade, do casamento, do feminismo e outros assuntos pertinentes nas décadas de 1960/1970.

Outra a associação que analiso é de Associação de Caridade e Oficinas Santa Rita de Curitiba, que atualmente é uma associação que reúne diversas mulheres, mais de 500, e tem uma feira anual no Parque Barigui, elas são ativas até hoje. Logo analisei as atas e o manual da associação, a associação não é só destinada às mulheres casadas e mães é uma associação que teve a sua origem em Madri na primeira década do século XX. Ela já permitia o ingresso de solteiras, casadas e viúvas. Tinha até uma distinção que cada associação tem uma fita. Sendo assim, nesta associação as solteiras tinham uma fita branca, as casadas a vermelha, e as viúvas a roxa. A Santa Rita foi escolhida como o modelo, a padroeira da associação porque ela teve esses estados durante a vida, foi solteira, casada, viúva e religiosa, então a sua história de vida, permitia um modelo para a associação com a maior diversidade para com as suas associadas. No manual conta toda essa questão ligada à própria história da santa, e as atas eram mais sucintas do que as da Arquiconfraria, focada mais na questão caritativa.

Elas faziam enxovais para os bebês carentes e organizavam festas para arrecadação de dinheiro. Mais tarde passaram a organizar a feira anual para cumprir esse papel, e também obtive oportunidade de entrevistar duas senhoras da associação, netas da fundadora da

associação em Curitiba que foi fundada na década 1950. Inclusive a questão da fita foi modificada, ao invés de ser uma fita branca, uma vermelha e uma roxa, todas as associadas independente serem solteira, casada ou viúva, utilizavam uma única fita a vermelha.

Então há uma margem muito grande de criação nesse espaço. Assim em comparação com a Arquiconfraria percebe se que até a presidenta na ocasião em 2008, nos disse que não sabia se seria útil entrevista para o meu trabalho e meu objetivo, porque não tinham ligação nenhuma a Igreja Católica. Neste sentido, chegou ao ponto de elas criarem tanta autonomia em relação à instituição que nem percebiam essa ligação. Obviamente que quando fui entrevistar as netas da fundadora, elas compreendiam essa ligação. Inclusive uma delas usou a fita vermelha para conseguir as indulgências que Leão XIII colocou no manual da associação, se você está trabalhando em nome da associação, você usa a fita vermelha e consegue indulgências plenas. Ela estava ali a serviço da associação ao me conceder a entrevista.

No capítulo 5 intitulado “Ministérios e papéis de gênero nas comunidades eclesiais de base” eu analiso as Comunidades Eclesiais de Base de Curitiba da Vila São Pedro as primeiras da cidade em 1968. Nas primeiras experiências procurei documentação na secretaria geral das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) não consegui muita informação, era um movimento mais espontâneo, muita coisa foi perdida, ou foi destruída. Portanto, basicamente o que eu consegui foi a partir de pesquisas bibliográficas já realizadas sobre a história das comunidades na região e a partir da fonte oral das entrevistas.

O perfil das entrevistadas do capítulo 5 é muito diferente das mulheres que entrevistei no capítulo 4. Não fiz uma abordagem por classe, mas era visível que as mulheres do capítulo 4 eram de classe média e alta. Pelo histórico familiar inclusive em algumas ligadas as autoridades da cidade de Curitiba. Enquanto as mulheres que entrevistei das CEBs, moravam na periferia muitas eram trabalhadoras de fábricas, domésticas entre outros serviços. A maior parte delas narram uma história de uma migração familiar nas décadas de 1960 e 1970, com a mecanização da agricultura, provocando a saída do campo para a cidade. Algumas do interior do Paraná outras até inclusive de outros estados como Minas Gerais.

Entrevistei cinco mulheres que participaram ativamente e ainda em alguns casos participam das CEBs da região. E elas foram contando justamente como construíram a partir desse trabalho nas CEBs a própria infraestrutura do bairro. As reuniões ligadas a CEBs muitas vezes também chamavam as assistentes sociais e autoridades da prefeitura, para falar da questão do saneamento básico, escola, e unidade de saúde. Desta forma, elas viram a construção do bairro enquanto muitas vezes os maridos não queriam ir, pois achavam que era perda de tempo ficar nessas discussões que elas travavam. Obviamente que também as CEBs

eram um espaço religioso de estudos bíblicos do Catolicismo e também um espaço de sociabilidade, que eu trabalho e analiso na minha tese como um espaço autorizado de sociabilidade. No início muitos casais participavam das reuniões das CEBs e depois acabaram ficando as mulheres enquanto os homens iam aos bares e nos clubes esportivos. Para as mulheres era um espaço sociabilidade permitido e autorizado. Isso não quer dizer que se limitassem a ficar discutindo só questões religiosas. Era um espaço de encontro de conversa com outras mulheres.

Na pesquisa do doutorado, eu procurei mostrar um apanhado geral do papel que o leigo começou a desempenhar a partir do Concílio Vaticano II, mostrei as duas linhas que vão daquela que não queria mudar e aquela que queria a mudança, aprofundando essa discussão com a Teologia da Libertação. As duas possibilidades de participação das mulheres nesse catolicismo nas décadas de 1960 e 1970, participar das associações que possuem um perfil do catolicismo salvacionista e moralista. Mas isso não quer dizer que as mulheres seguissem dessa forma. Como é possível ver na associação e oficina Santa Rita, em que elas queriam uma autonomia em relação ao próprio discurso institucional, e a outra possibilidade nas CEBS, que a princípio poderia se pensar que elas iam ter um papel diferenciado. Mas quando perguntado sobre o papel de Nossa Senhora o que vem à tona ainda é uma Mariologia tradicional. Suponho que isso ocorre justamente porque a figura de Nossa Senhora se tornou secundária na Teologia da Libertação que é muito cristológica.

4 - Entrevistadora: Como foi à experiência em trabalhar com História Oral e Gênero como metodologia durante suas pesquisas?

Dra. Nádia Maria Guariza: A experiência em trabalhar a História Oral em Gênero, começou na minha pesquisa no doutorado. Parte das minhas fontes do quarto e do quinto capítulos eram entrevistas com mulheres que participaram de alguma forma de associações e das comunidades eclesiais de base na Igreja Católica nas décadas de 1960 e 1970.

Sendo assim, começou a minha preocupação referente às leituras sobre a questão da especificidade da fonte oral. É claro que essa minha pesquisa já foi no século XXI, então muitas questões já tinham sido superadas em relação à fonte oral, porque a princípio quando a fonte oral passa a ser empregada na pesquisa histórica, ela sofre uma série de questionamentos por sua particularidade, não é uma fonte que foi produzida durante o evento, circunstanciadas nos acontecimentos daquele passado que o historiador ou a historiadora está analisando, é sempre na realidade uma fonte que é construída posteriormente. Portanto, quando o historiador ou a historiadora entrevista as pessoas, hoje no presente, elas estão lembrando

sobre o passado. A entrevista não é uma narrativa contemporânea aos fatos, mas sim uma lembrança, e a lembrança é seletiva. Então tem uma discussão sobre a questão da memória ou a memória individual e social, que demonstra que toda a memória individual, também é uma memória social, que está dentro do quadro de referência do indivíduo que está narrando a sua história.

De uma certa forma, faz parte do seu grupo familiar ou seu grupo profissional. Este grupo, tem uma relação com o contexto específico de determinado período determinado lugar, local ou espaço de uma certa forma toda memória é uma memória social. Outra questão interessante sobre a fonte oral é uma fonte que é produzida pelo profissional. O historiador ou historiadora, antes da entrevista criam um roteiro, pode trabalhar com histórias de vida ou em entrevistas temáticas.

No meu caso eu fiz entrevistas temáticas, mas que trabalhavam um pouco as trajetórias de vida, não como a história de vida que são entrevistas mais longas. As minhas entrevistas eram de trajetórias de vida, porque eu questionava sobre a origem de nascimento, da família, e um pouquinho da história da pessoa, mas depois no roteiro as perguntas direcionavam para o tema específico da minha pesquisa. O roteiro era semiestruturado dependendo do que poderia acontecer durante a entrevista, ele poderia ser modificado. Alguma informação obtida durante a narrativa me levava a outras perguntas que não estavam no roteiro pré-estabelecido.

Sendo assim, tem essa questão da fonte em si, construída a partir desse roteiro, mas também é uma construção junto com o próprio entrevistado. Inclusive se discute essa questão da coautoria da fonte oral, porque não é só a autoria do historiador ou historiadora, mas também do entrevistado ou entrevistada, e de certa forma também não é uma fonte que você está no arquivo, como um processo criminal ou arquivos administrativos, ou um livro de literatura, é uma fonte que o historiador e historiadora participam dessa construção, exceto no caso de lugares que já tenham entrevistas no acervo, então é outro pesquisador ou pesquisadora que vão usar aquelas entrevistas construídas por outro indivíduo.

Mas, na maioria das vezes, o processo é realizado pelo próprio pesquisador e pesquisadora daquela temática e problemática de pesquisa, construindo uma fonte oral para suprir o objetivo da sua pesquisa. Outra especificidade da fonte oral, se trará do contato com os entrevistados e entrevistadas geralmente você pergunta, onde eles gostariam ser entrevistados muitas vezes, é na casa do sujeito. Eu me lembro que a minha entrevista piloto eu fui entrevistar uma senhora, e era bem o dia da faxina então era barulhos de aspirador e de cachorro. Tudo isso é captado na hora da gravação que depois dificulta na transcrição para ouvir com clareza, o que foi dito durante a entrevista.

Na experiência com a história oral que muitas vezes o historiador e historiadora precisam ser abertos ao imprevisto, porque há muitas coisas que não estavam previstas no roteiro e surgem naquele momento. Então tem que ir além, e ter um bom roteiro com perguntas que tem que transcender o sim ou não, que permitam realmente que a pessoa expanda e narre coisas com detalhes sobre suas lembranças do passado, para que depois permitam uma análise densa desse material, também acontece que durante entrevistas tem que perceber essas oportunidades para você sair do roteiro e criar perguntas no imprevisto. Claro, que essa a experiência de várias entrevistas você pode adquirir apenas na prática, na construção dessa fonte.

Outra observação interessante é a transcrição, porque há pessoas que trabalham com a ideia de transcrição e outros com a transcrição. A transcrição seria exatamente escrever o que pessoa disse. E tem uma série de codificações para pausas, e outras situações que ocorrem na entrevista que devem apresentar-se na hora da transcrição, como uma pausa ou uma mudança brusca de assunto ou de tom da voz. Tudo isso tem um significado que pode ser analisado na fonte oral.

E a transcrição é quando o pesquisador modifica um pouco o que foi dito para se adequar ao padrão escrito da Língua Portuguesa. Nos meus trabalhos eu prefiro a transcrição, porque eu opto em manter o colorido e a autenticidade da forma de cada pessoa se expressar. Um ponto interessante nessa experiência que eu obtive, na tese de doutorado foi perceber que as próprias narrativas que criam o que você vai analisar, você não pode partir a priori antes de construir a fonte oral, o que você irá analisar. Depende muito do que você encontra na narrativa, então algo que é muito estimulante e curioso para o historiador e historiadora.

5 - Entrevistadora: Visto que muitas pesquisas que a professora profere estão ligadas as relações de gênero, poderia falar um pouco sobre suas pesquisas desenvolvidas e orientadas sobre ensino e gênero?

Dra. Nádia Maria Guariza: Sobre as pesquisas em ensino e gênero acho que de maneira geral nós já encontramos uma vasta discussão sobre essa temática aqui no Brasil. Sobretudo agora que os estudos de gênero estão sendo atacados justamente por propostas parlamentares como a Escola Sem Partido ou de grupos fundamentalistas. Mas assim, no caso específico meu quando eu comecei a lecionar aqui na UNICENTRO em 2014, e assumi uma disciplina de Estágio Supervisionado I. Nessa disciplina eu acompanho os alunos e alunas do terceiro ano de História no estágio nas escolas de Ensino Fundamental II.

Nós temos ainda um programa de disciplina, toda uma discussão sobre o próprio

histórico do Ensino de História no Brasil e os documentos principais e nós temos uma discussão sobre algumas temáticas entre elas a questão de gênero. Desde que eu comecei a trabalhar na UNICENTRO obtive a oportunidade de orientar três TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) que faziam uma interface sobre ensino e gênero. O primeiro foi em 2015 não propriamente sobre metodologia de ensino, mas tratava sobre a questão de religiosas franciscanas em Irati-PR, que foi do Samuel da Cruz Cardoso que na época era graduando, e agora possui a titulação de mestre. Em 2015 realizou a pesquisa tratando mais do papel das freiras aqui no bairro do Riozinho, onde encontramos nosso *Campus* aqui de Irati, o *Campus* da UNICENTRO. Ele fez uma análise da instalação da escola pelas irmãs, mas de pouca documentação e algumas entrevistas.

Em 2016 orientei dois trabalhos da Mônica Bobek, um livro didático em específico, e como o gênero ou a história das mulheres aparecia neste exemplar. Então ela percebeu que história das mulheres e gênero aparecem de maneira esporádica como uma informação complementar muitas vezes no capítulo e mais na perspectiva de história das mulheres do que do que de gênero. Orientei também, o trabalho da Alesandra Silva que trabalhou com gênero e educação que ela aplicou alguns questionários com professores e professoras de história aqui do município de Irati e municípios vizinhos, tratando dessa questão como eles compreendiam o gênero nas aulas de história. A pesquisa demonstrou realmente uma certa distância da educação básica em relação à temática.

6 - Entrevistadora: Nas pesquisas que orienta ou orientou é frequente a temática de gênero ou catolicismo? como está o panorama na universidade em que trabalha?

Dra. Nádia Maria Guariza: Eu pesquiso há um bom tempo, há mais de 20 anos a temática de gênero e o catolicismo. Hoje em dia eu também estou desenvolvendo um projeto paralelo com a professora Vânia Vaz sobre a liderança das mães de santo nos terreiros de Umbanda em Irati. Mas, tanto quando nos falamos na área de história, a temática de gênero e catolicismo ou ampliando mais gênero religião desde que eu comecei a trabalhar com a temática há 20 anos atrás, inicialmente obtive uma certa dificuldade, porque os estudos de gênero muitas vezes na área de História, não desenvolviam discussões sobre religião. Encontrava algumas discussões, mas era mais o protagonismo, por exemplo, das pastoras nas igrejas neopentecostais. E mesmo na Umbanda você encontra mais trabalhos na área da Antropologia e não tanto na área de História. Encontramos na área de História tudo sobre o catolicismo, o protestantismo, o neo-pentecostal também, mais recentemente começaram os estudos que com a intercessão, aí usando a categoria gênero.

Como eu mencionei encontra-se mais trabalhos na Antropologia e na Sociologia e poucos ainda na História. Pois bem, eu comecei a lecionar na UNICENTRO em 2014 e entrei com um projeto de pesquisa em 2015, de iniciação científica. Foram dois anos consecutivos com a aluna Marina Soares e o outro com a aluna Loiana Maiara Z. Ferrando, que realizaram um levantamento de fontes nos arquivos de algumas igrejas aqui do município de Irati, para ver a potencialidade dos arquivos da cidade para futuras pesquisa. Depois orientei a Fabíola Mika que também participou de duas iniciações científicas sobre a temática.

Foram estudos bibliográficos sobre gênero religião, mais especificamente a questão do catolicismo e dos leigos participando da Igreja. A Fabíola no ano passado defendeu o seu TCC, cujo tema era a questão do aborto e as Católicas pelo direito de decidir. Trabalhando especificamente na questão das Católicas pelo direito de decidir trabalhou com fontes digitais na página do *Facebook* Das católicas pelo o direito de decidir, portanto foi um trabalho de continuidade dos estudos dela de iniciação científica. Antes disso em 2015, orientei três alunos e alunas de TCC que trabalharam com religião e gênero, o Samuel Cardoso que trabalhou com as religiosas e educação em Irati, as Irmãs Franciscanas. E Marina Soares que trabalhou experiência religiosa feminina em Irati, trabalhando também com as mulheres da legião de Maria da Paróquia de São Miguel, esses foram alguns trabalhos na graduação.

No mestrado sobre gênero e religião orientei sobre gênero e Umbanda. A dissertação da Dalvana Fernandes, em que trabalhou com os Terreiros na região de Pato Branco (PR), também orientei o Samuel Cardoso que pesquisou com a história de santas, e a Karina de Fátima Visentin Bochniaque trabalhou com o movimento Primavera das Mulheres e o Movimento de Mulheres de um bairro de Guarapuava, chamado Primavera que estava associada à paróquia no mesmo bairro. Elas realmente se tornam uma grande força política e a líder se torna a vice-prefeita de Guarapuava. Esses foram os trabalhos até o momento que eu orientei sobre a temática.

7 - Entrevistadora: Como é seu vínculo com núcleo de gênero que você participa na UFPR, como são as produções, inserções e movimentação?

Dra. Nádia Maria Guariza: O Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná foi criado em 1994 pela a professora Ana Paula Vosne Martins do Departamento de História, e pela Miriam Adelman do departamento de Ciências Sociais. As duas durante muito tempo foram as coordenadoras do Núcleo de Estudos de Gênero. Atualmente as coordenadoras são a Marlene Taminini, professora do departamento de Ciências Sociais da UFPR e a Sonia Schwendler que é professora do Setor de Educação da UFPR. O grupo é

interdisciplinar. Claro que há uma constância das pesquisadoras ligadas as Humanas e a Educação.

Mas durante um tempo tivemos professoras da enfermagem, da comunicação, também que integraram o grupo, há uma rotatividade de orientandos e orientandas das professoras da graduação, do mestrado, e do doutorado e que depois se tornaram pesquisadores e pesquisadoras do grupo, que é o meu caso e que fui orientada pela professora Ana Paula Vosne Martins. Assim que eu terminei o doutorado fui convidada para integrar o núcleo de estudos de gênero como pesquisadora. O grupo é credenciado ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Atualmente, desenvolve diversos projetos, atividades de extensão, e palestras na própria Universidade Federal do Paraná.

Pelo menos uma vez ao ano é ofertado no programa de pós-graduação de Ciências Sociais ou de História, uma disciplina de gênero, que fica sob a responsabilidade pelo menos quatro professoras da instituição que dividem em módulos a disciplina. Há encontros mensais abertos ao público nos sábados de manhã, dependendo da agenda da universidade e das convidadas. Esses encontros são mesas todas com a temática de gênero, também tem uma preocupação da produção das pesquisadoras.

Nos anos de 2009 e de 2012 houve o desenvolvimento de dois projetos de intercâmbio entre o Núcleo de estudos de gênero da UFPR e a universidade de Holguín em Cuba. Os projetos foram contemplados com o edital de cooperação internacional com a temática políticas públicas de gênero no Brasil e em Cuba, aproximações e desafios nessa área. Nessas duas ocasiões esses dois projetos em 2009 e 2012, ocorreu um intercâmbio entre as professoras pesquisadoras do núcleo tanto do Brasil quanto de Cuba. Tivemos duas doutorandas do Programa de Pós-Graduação em História que fizeram pesquisa em Cuba. Pesquisas belíssimas, diga se de passagem. A Andreia Mazurok Schactae que analisou a questão das mulheres na Polícia Militar do Paraná e fez uma comparação com o caso cubano, e também a Carla Nacke Conradi que investigou as presas políticas no regime da ditadura aqui no Brasil e também fez alguns estudos lá em Cuba. Basicamente, o núcleo ainda continua com seus trabalhos e com as novas gerações que estão vindo.

Referências

ALENCAR, José de. Senhora. In ALENCAR, José de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959.

AZEVEDO, Aluísio. **A Casa de Pensão**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BOFF, Leonardo. **A fé na Periferia do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **O rosto materno de Deus:** ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 75-76.

_____. **A Ave-Maria:** o feminino e o Espírito Santo. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRONW, Peter. **Corpo e Sociedade:** o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CALLUF, Emir. **O jovem diante de Deus.** Curitiba: Mentor - Coleção Juventude de Hoje, 196[?].

_____. **Lágrimas ao meio-dia.** São Paulo: Paulinas, 196[?].

_____. **Apelo ao sr. Ministro da Educação e Cultura em prol do Cinema Nacional.** Curitiba: Voz do Paraná, 197[?].

_____. **Juventude e Sexo.** Curitiba: Mentor, 196[?].

CORÇÃO, Gustavo. **As Fronteiras da técnica.** 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

_____. **O século do nada.** Rio de Janeiro: Agir, 1976.

CHARTHIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: _____. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988. p. 173-191.

_____. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, 1991, p. 173-191.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos homens.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DUBY, Georges; PERROT, Michele. **História das mulheres:** medieval. Porto: Afrontamentos, 1994.

DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas no século XII.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GUARIZA, Nádia Maria. **Santo Agostinho e as Virgens:** estudo das relações de gênero cristianismo nascente. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1994.

_____. **Da Dama Casadoira à Histórica.** Monografia (Especialização em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

_____. **As guardiãs do lar:** a valorização materna no discurso ultramontano. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

_____. **Incorporação e (re)criação nas margens:** trajetórias femininas no catolicismo nas décadas de 1960 e 1970. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

LOMBAERDE, Pe. Júlio Maria De. **Pequeno Manual das associadas do Sagrado Coração de Jesus**. Manhumirim: O Lutador, 1932.

_____. **A Mulher Bendita diante dos ataques protestantes ou respostas irrefutáveis às objeções protestantes contra o culto da Sma. Virgem Santíssima**. Manhumirim: O Lutador, 1936.

_____. **Maña e a Eucharistia**: estudo doutrinai de um título e de uma doutrina. (Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento). Manhumirim: O Lutador, 1937.

_____. **Deus e o homem**: noções de alta theologia popularizada, sobre Deus, o homem e as relações entre ambos. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

_____. **Os ensinamentos de Nazareth ou mez pratico da Sagrada Família**: leituras sobre a vida de Jesus, Maria e José em Nazareth. Manhumirim: O Lutador, 1941.

_____. **O segrêdo da verdadeira devoção para com a Santíssima Virgem, • segundo o Beato de Montfort**. Manhumirim: O Lutador, 1943.

_____. **Porque amo Maña**: tratado substancial e completo dos principais motivos de devoção para com a Virgem Maria segundo os santos padres, os doutores e os 9 santos. São Paulo: Edições Paulinas, 1960.

RATISBONNE, Theodore. **Novo Manual das Mães Christãs**. Petrópolis. Vozes, 1925.

SALISBURY, Joyce. **Pais da Igreja, virgens independentes**. São Paulo: Página Aberta, 1991.

Recebido em: 13 de julho de 2020.

Aprovado em: 20 de outubro de 2020.